

TEMATIZANDO A QUEIMADA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: o currículo cultural em ação

*Aline Santos do Nascimento*¹

Resumo: Projeto realizado nas aulas de Educação Física da EMEF Virgínia L. Z. Camargo, localizada na zona leste de SP, com estudantes do 4º ano A, B e C e 5º ano A, durante seis meses. Após mapeamento, a queimada foi selecionada como objeto de estudo. Vivenciamos e conhecemos os elementos da queimada normal, duplas, ameoba, americana, coração, base, pinos, invertida e maluca. Pesquisamos sobre sua origem e ocorrência social. A partir de ações durante algumas vivências práticas que diminuíam a presença e participação das meninas, o marcador social gênero foi problematizado a partir de leitura e análise de vídeo. Organizamos um evento com a formação das equipes, produção das camisas/uniforme, forma de disputa, divulgação, tabelas, pontuação e classificação. A partir dos registros as atividades de ensino e avaliação da prática pedagógica foram realizadas. O projeto desestabiliza ao legitimar e tematizar a queimada abrindo espaço para novas possibilidades de ensino.

Abstract: Proposal realized during Physical Education Lesson at EMEF Virginia L.Z. Camargo,

localized in São Paulo city, with students of 4 year A, B and C and 5 year A, during six months. After mapping, the game queimada was selected as research. We experienced and know all the elements involved the game queimada such as the normal, duplas, ameoba, americana, coracao, base, pinos, invertida and maluca. We searched about the inception and social occurrence. From actions during some practical experience that reduced the presence and participation of some girls, the social gender marker was problematized from reading and video analysis. We organized an event with a team building, production of uniforms (shirts), form of contest, promotion, tables, scores and classification. From the records the activity of teaching and evaluation of pedagogical practice were realized. The project destabilize by legitimizing and subject the queimada, opening space to new possibilities of teach.

Introdução

O projeto foi realizado durante as aulas de Educação Física da EMEF Virgínia Lorisa Zeitounian Camargo, localizada na zona leste de São Paulo, com aproximadamente 120 estudantes do 4º ano A, B e C e

¹ Licenciada e Bacharel em Educação Física. Grupo de Pesquisa de Educação Física Escolar – FEUSP – e-mail: nasc_aline@hotmail.com

5º ano A, do ciclo interdisciplinar, durante seis meses.

Em 2013 após uma consulta pública a Secretaria Municipal de Educação – SME iniciou um movimento de reflexão sobre as bases curriculares que pautavam as políticas educacionais do município. Dentre as principais mudanças, a nova organização propôs para o Ensino Fundamental a alteração de dois para três ciclos: Ciclo de Alfabetização (1º, 2º e 3º ano), Ciclo Interdisciplinar (4º, 5º e 6º ano) e Ciclo Autoral (7º, 8º e 9º ano).

No primeiro encontro com as turmas ao realizar o mapeamento das práticas corporais reconhecidas e praticadas pelxs² estudantes, eu solicitei que todxs registrassem as brincadeiras, danças, esportes, ginásticas e lutas presentes na comunidade e que já haviam sido tematizadas anteriormente nas aulas de Educação Física. Percebi que a brincadeira tinha sido pouco estudada e levando em consideração a justiça curricular³, optei por investigar-la.

2 A opção dessa escrita se baseia na obra de Guacira Lopes Louro, cuja intencionalidade é desconstruir a neutralidade conferida ao masculino (o normal), principalmente nas generalizações e sua aplicação no plural das palavras. Sendo uma ação política pós-identitária o “x” representa menina, menino, trans, *queer* e tantas outras possibilidades identitárias, desconstruindo os binarismos e a heteronormatividade compulsória, que contribuem para a manutenção do *status quo*. Em outros textos percebe-se a utilização de @, ele/ela, ele(a). No Brasil, essa escrita no âmbito da educação é pouco visível e apesar de atingir a “norma culta” da língua, atua na valorização e na representatividade de sujeitos abjetos, subjugados, “aqueixs desconsideradxs” pela sociedade. Porém, optei por demarcar o gênero quando este for individual e necessário para a compreensão das diferenças construídas nos discursos heteronormativos.

3 Um dos princípios do currículo cultural que tenciona a distribuição equilibrada das práticas corporais a

Aprofundando o mapeamento para as brincadeiras, notei que algumas iam se repetindo como o pega-pega, corrida, esconde-esconde etc. (provavelmente pelo número de vezes em que elxs realizam em diversos espaços). A queimada apareceu de forma inusitada, pois xs estudantes diziam que ela não era uma brincadeira porque xs professorxs da unidade escolar a utilizavam para outros fins, como por exemplo, a iniciação esportiva do handebol.

Intrigada, fiz a escolha da queimada para que pudéssemos confrontar os conhecimentos iniciais dxs estudantes que desconsideravam os códigos, significados e representações que a prática possui. Partiríamos em busca de novas interpretações.

Escolhida a prática objeto de estudo, elaborei meu plano de ensino levando em consideração alguns documentos oficiais. O Projeto Político Pedagógico da unidade que estabelecia à temática “Direitos Humanos”, a partir dos conhecimentos produzidos em diversos encontros de formação docente promovido e ofertado pela SME. O Plano Especial de Ação – PEA⁴ e a reorganização curricular do programa “Mais Educação São Paulo⁵”.

serem investigadas, privilegiando ao máximo de conhecimentos e identidades presentes na escola e na sociedade. Para Neira e Nunes (2009), o que se pretende com esse princípio é a justiça no ato da vivência curricular.

4 A SME através da portaria nº 1566/08 reconhece o PEA como instrumento de trabalho elaborado por cada escola, que expressam as prioridades estabelecidas em seu Projeto Político Pedagógico. O documento norteia as ações a serem desenvolvidas por cada componente visando a melhoria da qualidade de ensino.

5 Disponível em: <<http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Main/Noticia/Visualizar/PortalSMESP/Programa-Mais-Educacao-Sao-Paulo-1>>.

Selecionei alguns direitos da “Declaração Universal dos Direitos Humanos” para serem norteadores do projeto, sendo eles: direito a democracia, diversão e educação.

Tendo em vista a ocorrência social da queimada e articulando o mapeamento inicial aos documentos da rede municipal de ensino e da escola, o projeto teve como objetivo ampliar, discutir, aprofundar e ressignificar a queimada.

O currículo cultural em ação

O currículo cultural de Educação Física oportuniza a entrada de diversas manifestações corporais sistematizadas no interior da escola, garantindo o acesso as suas mais variadas formas de expressão corporal. Ao organizar sua prática pedagógica, o docente deve se atentar a certos princípios e procedimentos metodológicos.

O reconhecimento das identidades culturais, importante para que as práticas corporais a serem estudadas se relacionem aos grupos de origem e ao pertencimento cultural dos estudantes; a justiça curricular equilibrando a seleção das práticas objeto de estudo; a descolonização do currículo selecionando conteúdos do currículo com práticas de grupos historicamente ausentes do processo escolar; evitar o daltonismo cultural que prioriza a ancoragem social dos conhecimentos, ou seja, a contextualização das práticas corporais no espaço de

produção e reprodução, identificando os modos como são afirmadas ou silenciadas fazem parte dos princípios.

O mapeamento dos conhecimentos acerca dos conhecimentos discentes sobre a cultura corporal na comunidade; o desenvolvimento das atividades de ensino; as análises e interpretações dos aspectos da linguagem corporal; a ressignificação e a produção de novas possibilidades de vivências; a ampliação e o aprofundamento dos conhecimentos acerca da prática; os registros de todo o caminho para a avaliação do trabalho pedagógico compõem os procedimentos metodológicos.

No decorrer do projeto, o mapeamento realizado com as turmas revelou que os estudantes haviam praticado a queimada durante as aulas de Educação Física apenas como atividades pré-desportivas e/ou recreativas. Desse modo, problematizar como a prática vem sendo significada se tornou conteúdo de estudo.

Sob a perspectiva cultural da educação física, os conteúdos a serem aprendidos advirão da problematização apresentada pelas atividades de ensino, desde que se leve em conta o esforço do grupo para sanar as dúvidas que surjam diante de um fenômeno ainda não compreendido sobre a prática corporal estudada (NEIRA; NUNES, 2009).

Segundo Ferreira, Galatti e Paes (2005), essas atividades pré-desportivas são aquelas que requerem destreza e habilidades

próprias dos esportes (deslocamentos, lançamentos, recepções etc.). Sua prática é recomendada como preparação para as crianças que começam a praticar qualquer esporte, já que lhes proporcionam uma série de recursos físicos e técnicos. Neste sentido, constituem-se em variantes de jogos menores, caracterizada por conteúdos que propiciam a aquisição de determinados movimentos, ações e habilidades primárias que servem de base para a assimilação de habilidades esportivas.

A partir das ideias apresentadas, é possível perceber como as pessoas vão sendo seduzidas e se apropriam de discursos interpessoais relacionados à queimada como um elemento pré-desportivo, assim, são levadas a desconsiderar seus elementos específicos. Não à toa existem eventos como o I Festival Pré-Desportivo de Queimada⁶.

Os coordenadores do evento justificam que a queimada foi utilizada como um momento de integração e socialização dos estudantes sem distinção de idade ou sexo, contribuindo para o desenvolvimento de qualidades físicas e grande alcance educacional.

Outro evento ocorreu nos dias 15 e 16 de julho de 2009, em Laguna/SC. O Festival de Queimada com estudantes da rede pública municipal⁷ foi realizado no Giná-

sio da Vila Vitória promovido pelo Departamento de Esportes e objetivou desenvolver o lúdico e a integração entre as escolas participantes (ao envolver crianças na faixa etária de 06 a 08 anos).

Nesse evento, os professores de Educação Física do município foram os técnicos das equipes e para eles, ao brincar, a criança desenvolve seu processo de adaptação à realidade aprendendo a lidar de forma cada vez mais intencional com o seu corpo. Será?

Em 2013 na cidade de Embu das Artes, a "1ª Olimpíadas Escolares⁸" foi desenvolvida com diversas práticas corporais, tais como: queimada três cantos, handebol, basquetebol, futsal, voleibol, câmbio, dama e atletismo.

No segundo semestre de 2013, bolsistas do PIBID (UniE-VANGÉLICA) desenvolveram durante as aulas de Educação Física na Escola Municipal Air Borges⁹, com estudantes do 4º e 5º ano, atividades que abordavam diversas possibilidades e variações de jogar queimada. Os objetivos foram reconhecer a queimada como manifestação cultural dos jogos populares; conhecer diferentes formas de jogar a queimada, possibilitando a reflexão sobre a flexibilidade e adaptação de regras; verificar quais as atitudes individuais e coletivas ocorrem durante o jogo; identificar o jogo como forma de interação social e suas regras como forma de mediação de conflitos.

6 O projeto foi realizado no dia 28/03/2015 pelo Instituto Placidina, na cidade de Mogi das Cruzes. Disponível em: <<http://www.placidina.com.br/FestivalDesportivo-Queimada/FestivalDesportivoQueimada.html>>. Acesso em: 30 maio 2015.

7 Disponível em: <http://www.laguna.sc.gov.br/noticias.php?cod_noticia=2745>. Acesso em: 21 jun. 15.

8 Disponível em: <<http://embudasartes.sp.gov.br/e-gov/public/arquivos/2013/pdf/Regulinter.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2015.

9 Disponível em: <<http://pibid2012uni.blogspot.com.br/2014/01/projeto-tipos-e-variacoes-do-jogo.html>>. Acesso em: 21 jun. 15.

Para xs professorxs responsáveis, à proposta foi muito bem aceita pelxs estudantes, o que resultou na organização de um "Festival de Queimadas". Nesse festival, as equipes praticaram diversos tipos de queimada como tradicional, dos números, da ordem, da música, do rei/rainha/curinga e quatro lados.

Ao analisar essas ações, fica evidente a falta de preocupação docente em tematizar a queimada enquanto uma prática cultural, de ocorrência social e que possui diversos elementos, códigos, significados e representações. Ao apresentá-la e utilizá-la apenas como um elemento de iniciação esportiva, que vise desenvolver certas habilidades, como forma de interação social e de respeito às regras (apaziguar os conflitos), a prática e toda sua configuração são desconsideradas.

Talvez, por essas e tantas outras razões, a queimada desenvolvida até o momento na escola tinha esse caráter desenvolvimentista, assimilacionista e/ou recreativas. Ao desconsiderar a queimada como uma prática legítima de ser tematizada e estudada, as crianças vão criando certos significados do que venha a ser uma prática legítima (handebol) em detrimento de outra (queimada). Esses discursos precisavam ser confrontados.

Com essa intensão, demos início ao projeto queimada para (re) conhecer a prática como um elemento cultural legítimo de investigação, analisando como ela vem sendo vivenciada na escola, no clube, na rua, na família e o que

xs estudantes estão significando e produzindo sobre a mesma.

Ao partirem em busca dos elementos da queimada, xs estudantes descobriram diversas informações sobre o contexto histórico, nomenclatura, regras, tipos de organização e prática. Elaborei uma síntese desses achados e socializei com todas as turmas.

Contexto histórico da queimada

Durante as buscas, diversas possibilidades surgiram quanto sua origem e contexto histórico, organização e seus representantes. O que sugere que a queimada é uma prática híbrida que vem sofrendo diversas modificações ao longo do tempo.

A primeira hipótese sugere que ela emergiu no Egito com as mulheres (apenas elas) praticando algo parecido com a queimada com caráter ritualístico. Talvez o Egito não seja lá uma força nos esportes com bola, mas o uso delas em práticas recreativas e esportivas vem de muito longe. Algumas referências datam a 11ª dinastia (2130-1983 a.C.). No Egito antigo a bola não era confeccionada como hoje em dia, elas eram sólidas, feitas de couro, junco e outros materiais. O preenchimento poderia ser de papiro¹⁰ e elas não eram grandes, medindo entre 03 e 09 cm de diâmetro.

10 *Cyperus papyrus* ou simplesmente papiro, é uma planta famosa desde 40 séculos antes da era cristã. A planta forneceu à humanidade um dos principais instrumentos do progresso: o papel. Para saber mais, sugiro a apreciação do sítio: <<http://www.fascinioegito.sh06.com/papiros.htm>>.

Segundo Olodum (2014), as referências de jogo com bola entre os homens foram encontradas somente no Reino Novo (1550-1070 a.C.). Elas também possuíam um caráter ritualístico que só reapareceu no período Ptolomaico (aproximadamente entre 302-30 a.C.).

Podemos citar dois jogos praticados pelas jovens naquele tempo sem saber ao certo, suas regras por completo. No primeiro, dois grupos de mulheres ficavam frente a frente. A jovem do centro tinha a posse de bola enquanto as outras batiam palmas, num dado momento, a moça do centro arremessava a bola para o outro grupo¹¹. No segundo jogo, duplas eram formadas e se enfrentavam da seguinte forma: uma das jovens colocava a outra nas suas costas e a de cima tinha a posse da bola enquanto a de baixo era responsável pelo movimento e equilíbrio da dupla. De novo a bola era arremessada para a dupla rival, mas não se tem registros do que acontecia, algo parecido com a "briga de galo"¹². Esses jogos recreativos com bola entre as mulheres não estavam restritos às crianças. É provável que adolescentes e jovens adultas também participassem.

A segunda hipótese aparece no filme "Com a bola toda"¹³ e sugere que a prática tenha sido criada pelos chineses viciados

em ópio, no século XV, na casa chinesa de ópio. Naquela época, os chineses jogavam muitas cabeças humanas uns nos outros, talvez essas cabeças fossem de seus inimigos de batalhas como forma de celebração da vitória, mas é algo que não é mencionado no filme.

A terceira e última hipótese sugere que essa prática chinesa tenha sido aperfeiçoada na Colômbia e tenha migrado para os EUA com o nome de Dodgeball. Em 1833, Hagerson Augustus modernizou a prática e acabou tornando o jogo como conhecemos hoje. Muito praticado nos Estados Unidos, o Dodgeball possui competições oficiais, do qual, todas elas são regidas pela National Amateur Dodgeball Association (NADA)¹⁴.

No Brasil, essa prática não é reconhecida como esporte, porém, é muito praticada em diversos espaços como a escola, rua, parques etc., tendo como objetivo a iniciação esportiva e recreação. Lopes (2015) argumenta que nas diversas regiões do país a queimada recebe diferentes nomes como barra bola, mata soldado, baleado, bola queimada, cemitério, mata-mata, queimado, guerra, jogo do mata, matada, caçador, carimba, e baleado.

11 Talvez, o jogo funcionasse como a queimada tradicional conhecida nos dias atuais.

12 Em duplas, dentro da piscina, lago ou mar uma pessoa deve subir nas costas de sua dupla e tentar derrubar na água a pessoa que está no ombro adversário. Ganha quem conseguir derrubar primeiro.

13 Sinopse disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-52644/>>. Acesso em: 16 jun, 2015.

14 Para maiores informações sugiro o site: <<http://www.dodgeballusa.com>>.

Vivenciando e (re) conhecendo a queimada

Assim como a sua origem que apresenta várias hipóteses, há diversas formas de praticá-la e nomeá-la, variando de acordo com o grupo cultural em que a mesma está inserida. Afinal, as culturas são móveis e as práticas corporais são plásticas.

No decorrer das aulas praticamos diversos tipos de queimada e em cada encontro conversávamos sobre as regras e, em alguns momentos, tivemos que realizar algumas modificações para que todos pudessem ter a oportunidade de participação.

1 – Queimada Normal

O grupo foi dividido em dois times. A pessoa que estivesse com a bola deveria arremessá-la tentando acertar (queimar) uma pessoa do outro time. Quem fosse queimado ia para o cemitério, podendo queimar seus adversários e/ou lançar a bola para a sua equipe.

Imagem 1 – Estudantes durante a vivência da queimada normal



2 – Queimada dupla

As regras eram as mesmas da queimada normal, porém, utilizava-se de duas bolas ao mesmo tempo para queimar. Cada equipe iniciava o jogo com uma bola e no decorrer da partida as equipes poderiam pegar qualquer bola para realizar as jogadas, tornando a prática rápida e com grandes disputas – às vezes bem confusas.

Imagem 2 – Estudantes explicando o tipo de queimada na sala e vivência prática na quadra



3 – Queimada Ameba

Nesse tipo de queimada não tinha time, coveiro e/ou posição específica. Era uma forma

individual de jogar. Uma pessoa ficava com a bola e as demais se espalhavam pela quadra. Quem estava com a bola não poderia andar e seu objetivo era queimar a pessoa que estivesse mais próxima. Quem fosse queimada (ameba) deveria permanecer sentada no chão. Para poder retornar, deveria tocar alguém que estivesse em pé (esta deveria sentar-se em seu lugar) ou ainda, agarrar a bola que vinha em sua direção. Só poderia correr quem não era ameba e estivesse sem a posse de bola.

Imagem 4 – Momento em que umx estudante tenta se esquivar



4 – Queimada Americana

A queimada americana era parecida com a queimada normal, com algumas especificações, sendo elas: uma pessoa era eliminada quando a bola tocasse no chão após ela ser queimada. Se conseguisse pegar o arremesso no ar, ela não era eliminada. Se a bola tocasse x jogadorx e umx companheirx a agarrasse no ar antes dela tocar o chão, x jogadorx não era eliminadx. Se a

bola tocasse duas (ou mais) pessoas e depois tocasse o chão, todas serão eliminadas. Se a bola tocasse no chão e depois na pessoa, ela não era queimada.

A pessoa eliminada recomeçaria o jogo na metade adversária, fora das linhas, arremessando para queimar a equipe oposta. Se duas pessoas forem eliminadas ao mesmo tempo, quem fosse atingida por última recomeçaria o jogo.

Imagem 5 – Estudantes durante a vivência da queimada americana



5 – Queimada Coração / Rei / Abelha rainha / Coringa

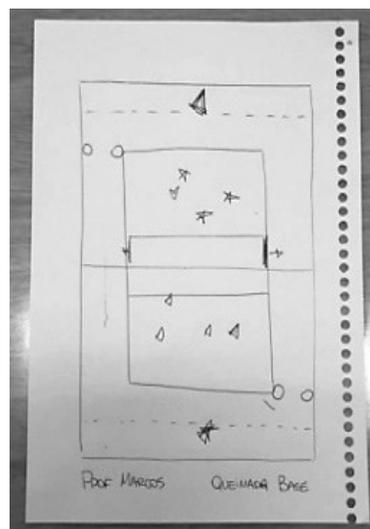
Para brincarmos, foi preciso separar a turma em dois times. Antes do início da brincadeira, cada time decidiu, em segredo, uma pessoa que seria o "coração" do grupo. O "coração" é aquela pessoa que não poderia ser queimada e deveria ser discretamente protegida pelo grupo. Ganharia a equipe que queimasse primeiro o "coração" do grupo adversário.

Imagens 6 e 7 – Estudantes escolhendo quem seria o coração da equipe



salvar. Elx teria duas oportunidades para isso – nas duas vezes em que x jogadorx passasse pela linha central da quadra – até que se completasse a volta. Se elx errasse as duas tentativas estaria queimadx. Se acertasse estaria salvx e x jogadorx que estava correndo estaria queimadx, devendo ir ao cemitério.

Imagem 8 – Registro da explicação do professor Marcos (parceiro durante o projeto) e vivência prática



6 – Queimada de base

Também parecida com a queimada normal, a diferença é que quando a pessoa for queimada ela tem a oportunidade de se salvar e continuar no jogo sem ir para o cemitério. Quem queimasse x adversárix deveria passar por entre os cones postados em sua quadra, percorrer as laterais e linhas de fundo, completando uma volta na quadra. Enquanto x jogadx que queimou correria, x jogadorx queimadx deveria pegar a bola e no meio da sua quadra deveria tentar "retrucar", queimando-x para se



7 – Queimada de pinos

A queimada de pinos apresentada e realizada pelos estudantes foi bem parecida com o pebolim. Os jogadores fizeram demarcações no chão (suas posições de jogada) e deveriam atingir o adversário postado em sua frente. Nessa queimada, os jogadores não poderiam sair de suas posições, podendo apenas esquivar e abaixar para escapar das bolas arremessadas pela equipe adversária. Ganhava a equipe que conseguisse queimar todos do time oposto. Para pegar a bola caso ela saísse dos limites de sua posição, a pessoa poderia ir buscá-la (não poderia ser queimada), devendo retornar antes de realizar a próxima jogada.

Imagem 10 e 11 – Estudantes posicionados em sua demarcação (pinos) durante a vivência



O Prof. Dr. Renato Sampaio Sadi no site "Pedagogia do Handebol¹⁵" descreve uma forma diferente de realizar a queimada de pinos. Ele explica que dois cones são posicionados em cada campo de jogo, envolvidos por uma área circular (pode ser desenhada no chão com giz ou pode-se utilizar um arco-bambolê). Os jogadores devem defender (proteger) seus respectivos cones sem adentrar na área circular.

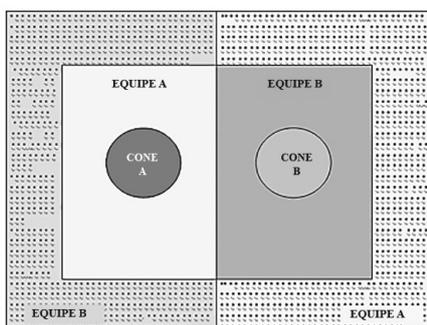
O jogo é realizado com duas bolas diferentes: uma utilizada para queimar pessoas e outra para acertar (queimar) o cone. O objetivo do jogo é queimar tanto o cone quanto as pessoas. A bola destinada a queimar pessoas não pode queimar o cone e vice-versa.

Os jogadores podem passar as bolas livremente entre sua própria equipe, trocando passes de variados tipos, até que algum jogador ou um dos cones seja atingido. Neste momento, o jogo é interrompido: a) A pessoa queimada desloca-se para o "morto" ou "cemitério", permanecendo no jogo; b) Quando o cone é queimado a equipe escolhe um adversário para permanecer no "morto" ou "cemitério"; c) Todos os jogadores das áreas de "morto" ou "cemitério" continuam no jogo, tentando queimar pessoas e cone, ou seja, não são eliminados; d) Se houver queimadas simultâneas (de pessoa e cone ao mesmo tempo), o jogo

15 Disponível em: <<http://pedagogiadohandebol.com.br/co/handebol-queimada-com-pinos/>>. Acesso em: 21 jun. 15.

é interrompido e ambas as jogadas são validadas. O jogo termina quando todxs de uma equipe forem queimadxs.

Imagem 12 – Foto explicativa da queimada de pinos – site “Pedagogia do Handebol”



LEGENDA:
 AMARELO - EQUIPE A - CAMPO DE JOGO;
 VERDE - EQUIPE B - CAMPO DE JOGO;
 AMARELO PONTILHADO - EQUIPE A - "MORTO", "RESERVA" OU "CEMITÉRIO";
 VERDE PONTILHADO - EQUIPE B - "MORTO", "RESERVA" OU "CEMITÉRIO";
 VERDE ESCURO - CONE A
 LARANJA - CONE B

8 – Queimada invertida

Duas pessoas iniciaram dentro da quadra de voleibol, cada uma em sua meia quadra. O restante de cada esquipe permaneceu do lado de fora – contrário a sua equipe. A pessoa que estava dentro poderia se esquivar, agarrar e passar a bola para sua equipe, mas não poderia queimar. Quem estava do lado de fora deveria queimar x adversárix quem estava do lado de dentro e, ao conseguir, deslocar-se para quadra interna destinada a sua equipe. Ganhava a equipe que conseguisse colocar todxs xs seus jogadorxs para dentro de sua meia quadra.

Imagem 13 – Posição inicial dxs estudantes na queimada invertida



9 – Queimada maluca

O objetivo era queimar, não ser queimadx e salvar xs colegas. Com um pedaço de giz anotariam no chão suas ações: seu nome e a letra Q (queimei), letra M (morri) e letra S (salvei). Na quadra, a bola foi lançada para o alto e quem a pegasse daria no máximo três passos para arremessar a bola e tentar queimar alguém. A pessoa queimada deveria sentar e registrar o ocorrido, quem a queimasse também deveria fazer o registro. Para salvar alguém era preciso jogar a bola para que ela agarrasse, levantasse e continuasse no jogo.

Imagem 14 – Estudantes registrando: Quem queimou? Quem salvou? Quem foi queimadx?



Durante as vivências práticas xs estudantes tiveram acesso a vários elementos da queimada, tais como: quantidade de bolas, posição dxs jogadorxs, pontuação, organização individual e/ou coletiva. Esses elementos se modificavam na medida em que íamos alternando os tipos/estilos de queimada. Outro elemento analisado foi o nome que cada ação recebe. O que nos possibilitou entender que a queimada possui também um vocabulário próprio.

Mão, pé ou cabeça quente / fria / livre: Quando a mão era “quente” quem deixasse cair após tentar pegar seria considerado “queimadx”, se a mão era “fria”, ela esfriava a bola e mesmo que a deixasse cair não era queimadx. **Cemitério:** Espaço destinado nas laterais e no fundo dos campos para o coveiro e morto. **Morto:** A pessoa queimada que ao dirigir-se ao cemitério poderia queimar a equipe adversária. **Coveiro:** O coveiro inicia no cemitério com a função de pegar a bola e lançar para o seu time, não podendo queimar a equipe adversária. **Ressuscita:** Quando x primeirx jogadorx for queimadx, o morto ressuscita e volta para seu campo de jogo. **Carimbado:** A pessoa que foi queimada. **Café com leite:** É x jogadorx iniciante que ainda não domina todas as regras, podendo errar e acertar até compreender completamente o jogo.

A queimada é coisa “apenas” de menina?

Durante o projeto xs estudantes realizaram inúmeras investigações a fim de terem contato com os mais variados significados atribuídos à queimada em diversos momentos históricos da sociedade, diversos espaços, culturas e, em especial, durante as nossas aulas. Analisaram os elementos que a compõe, vivenciaram as diversas formas de praticá-la e fizeram o uso de sua linguagem específica.

Lá pelas tantas, percebi a necessidade de problematizar o marcador social gênero, pois para alguns/mas estudantes a queimada era uma prática destinada às meninas enquanto aos meninos eram destinadas práticas como o futebol, bolinha de gude, pipa, carinho etc. Por esse motivo, era preciso questionar esses discursos e analisar como, ao longo do tempo, essas práticas foram sendo legitimadas e separadas em práticas masculinas e femininas.

Mas, no decorrer das vivências, notei diversas ações que iam contra ao que certxs estudantes haviam dito, pois os meninos não deixavam as meninas pegarem a bola, se posicionavam na frente delas para atrapalhar suas jogadas, eram rudes quando elas erravam uma jogada e pronunciavam diversos discursos que inferiorizavam as meninas, dizendo que elas eram fracas, “moles” e sem força, o que causou grande desconforto.

Para problematizar essa questão, elaborei uma atividade de

ensino que nos permitisse dialogar sobre o gênero e como ele direciona as ações, desejos e anseios dos sujeitos. Solicitei que xs estudantes dissessem o que entendiam sobre as características sociais e biológicas que distinguem o masculino/menino do feminino/menina.

Durante a conversa/registro expliquei que as identidades e as subjetividades dos sujeitos são construídas no social e através da cultura – sendo transitórias e fluidas. Quando certa identidade é construída como única, legítima e ideal, desconsidera-se as possibilidades identitárias presentes na sociedade, gerando diversos embates, preconceitos e discriminação. Mas, a quem interessa determinar uma identidade única, legítima e ideal?

Apesar da atividade, algumas/mas estudantes não desconstruíram suas concepções binárias e posicionamentos como “*mas mulher é fraca mesmo professora*” por diversas vezes se repetiu. Ficando evidente como a heteronormatividade compulsória atua – de forma sutil e eficaz – determinando as posições de cada gênero, mantendo o *status quo*.

Imagem 15 – Registro das diferenças biológicas e sociais entre homem/menino e mulher/menina



Rev. Bras. Educ. Fis. Escolar Ano III, V. 1 – Jul. 2017

Continuei a problematização realizando a leitura do livro “Faca sem ponta, galinha sem pé” da autora Ruth Rocha¹⁶ e ao questionar quais eram as impressões que o texto apresentava, xs estudantes encontraram semelhanças ao contexto do filme “Se eu fosse você¹⁷”. Durante a roda de conversa alguns meninos disseram que em casa, para ajudar a família, lavavam louça e arrumavam a casa (ações culturalmente significadas e legitimadas como sendo de competência feminina).

Mas, ainda era preciso trazer um novo olhar para a mulher que praticava a queimada. Foi então que, no encontro seguinte, levei para discussão um trecho do filme “Com a bola toda” onde as duas melhores jogadoras do Dodgeball, são mulheres.

Após a apreciação do vídeo, conversamos novamente sobre a posição das mulheres na sociedade atual e identificamos que a ideia de identidades fixas e limitadas são discursos historicamente construídos e, se são construções discursivas, também são passíveis de desconstrução e novas possibilidades.

Ao analisarem a presença da mulher na prática do Dodgeball, xs estudantes questionaram a

16 Pedro e Joana, dois irmãos em eterna batalha dos sexos, ao passarem juntos debaixo de um arco-íris migram um para o corpo do outro e, com os papéis invertidos, só voltam aos corpos originais quando aprendem que meninos e meninas não são tão diferentes assim.

17 Os autores Glória Pires e Toni Ramos interpretam um casal que ao brigar são atingidos por um fenômeno inexplicável e trocam de corpo. Assim, cada um é obrigado a assumir, em todos os sentidos e consequências, a vida do outro. E à medida que vão superando os obstáculos, vão aprendendo mais sobre o outro e sobre si, até chegar o momento em que o fenômeno se altera e eles retornam aos seus corpos.

possibilidade de montarmos um evento, na tentativa de desconstruir não só os discursos e estereótipos pejorativos que inferiorizam certos/as estudantes como também nossa prática. Concordei com a ideia e demos início a elaboração e organização desse evento. Iniciamos com a formação das equipes, produção das camisas (uniforme - presente no vídeo), forma de disputa (rodízio simples, duplo, eliminatória simples e dupla), divulgação, tabelas, pontuação e classificação. Os registros foram realizados pelos estudantes.

Imagem 16 – Análise do trecho do filme e elaboração do evento

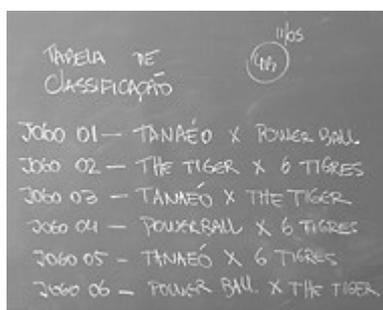


Imagem 17 – Produção das camisas/uniformes



Imagem 18 – Vivência da competição e registro do evento





Após a discussão, as questões de gênero durante as atividades de organização e realização do evento não se revelaram como uma barreira, uma negação do Outro. Eles e elas estavam ali compartilhando diversos momentos juntos. Apesar dos avanços não se pode garantir que esses estudantes não terão preconceitos relacionados ao gênero. É preciso trabalhar numa perspectiva de valorização e empoderamento da diferença, nesse caso específico, a mulher. Pois, a diferença não é o Outro ela está em nós.

A escola é muitas vezes o local onde, muito antes até de saber sobre sexo, a criança aprende o que deve ser o feminino e o masculino. Meninos e meninas são separados e a partir daí percebem então o seu lugar no mundo, com seu grupo e suas características. Ser menino é algo diferente de ser menina. Dito de outro modo, a diferença é uma das primeiras

marcas que aprendemos no processo escolar, quando, na verdade, as crianças deveriam aprender que antes de sermos meninas ou meninos somos seres humanos (NINO; PIVA, 2013, p. 504).

Considerações finais

Antes de encerrar a escrita, ressalto que esse trabalho só pode ser realizado devido ao seu planejamento, articulação das atividades de ensino, bem como a ajuda e apoio de parceiros de área, informática educativa e sala de leitura. Com relação à equipe gestora, houve alguns desconfortos durante as produções das camisetas e por estarmos em diversos momentos dentro da sala de aula escrevendo, pesquisando, debatendo, assistindo filme etc. o que nos leva a pensar em como as pessoas veem o componente, pois há quem diga que a Educação Física é apenas quadra, bola, corrida e suor. Ela é isso e muito mais.

Trabalhos como esse, pautado em uma concepção pedagógica e articulado aos documentos oficiais devem e podem ser realizados em todas as escolas. Isso porque a educação deve garantir o acesso e a compreensão das diversas manifestações corporais presentes e praticadas na sociedade e suas formas de produção de conhecimento.

No currículo culturalmente orientado não existe uma manifestação corporal melhor que outra, um conhecimento melhor

que outro e tão pouco uma cultura melhor que outra. O que existe são diversas possibilidades de estudo e todas são muito bem vindas. Contrariando certa lógica normalizadora, eurocêntrica, burguesa e esportivista que determina o que deve estar no centro/identidade (esportes coletivos) e o que deve estar à margem/diferença (queimada), o projeto desestabiliza ao tematizar a queimada como prática legítima de investigação. Ao final, xs estudantes apontaram para a importância da ação etnográfica realizada em todo o caminho percorrido, o que nos deu suporte para construir uma nova possibilidade de tematizar a queimada na escola, escapando e resistindo ao olhar monocultural da prática.

Dizer que a queimada é apenas uma atividade pré-desportiva, que tem como objetivo (único) ensinar as ações (habilidades) de arremesso e passe para a melhoria do jogo de handebol ou apenas uma atividade recreativa é, de fato, desconsiderar seus elementos e representantes, colocando-os à margem das negociações (atreladas às relações de poder) que passam a construção do currículo da Educação Física e os seus planos de ensino.

Eu aprendi a jogar queimada, aprendi tudo da queimada, de onde ela veio, histórias de como

surgiu, aprendi sobre o campeonato de dodgeball e fazer perguntas sobre queimada (GUI-LHERME CARLOS¹⁸, estudante).

Eu aprendi que não pode brigar com as meninas e meninos sendo do mesmo time (MARIA CLARA, estudante).

Eu aprendi que não precisamos brigar por uma brincadeira, pois nós estamos aprendendo. Aprendi a jogar dodgeball e também sobre como fazer campeonato. Aprendermos a sobre não ter preconceito com o filme (Com a bola toda) e que as aulas de educação física não é só quadra (MARIA EDUARDA, estudante).

As atividades de ensino foram elaboradas a partir dos princípios e encaminhamentos didáticos do currículo cultural, o que não pode ser confundido como uma fórmula/receita a ser seguida. Talvez, em outro cenário esse projeto fosse realizado de outras maneiras. Essa forma de pensar a prática pedagógica possibilita aos envolvidos, tornarem-se produtores de conhecimento.

Uma (re)escrita pedagógica artistada, única, híbrida...

REFERÊNCIAS

FERREIRA, H. B.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Pedagogia do Esporte: considerações pedagógicas e metodológicas no processo

¹⁸ Os nomes presente nesse texto foram alterados para garantir o anonimato dxs estudantes.

de ensino-aprendizagem do basquetebol. In: PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

LOPES, P. **Jogo de queimada**. Brasil Escola. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/educacao-fisica/jogo-queimada.htm>>. Acesso em: 30 maio 2015.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. (Orgs.). **Praticando Estudos Culturais na Educação Física**. São Caetano do Sul, SP: Yendis. 2009.

NINO, A. PIVA, P. J. L. O cotidiano escolar e os impactos da teoria queer face à pedagogia heterossexista. **Sapere Aude**. Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 501-505, 1. sem. 2013.

OLODUM, P. **Dodgeball (queimada)**. Olimtec 2014. Disponível em: <<http://olimtec2014.blogspot.com.br/2014/04/dodgeballqueimada-o-conceito-foi-criado.html>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

Artigo submetido em 19 de julho de 2016

Artigo aprovado em 04 março de 2017